



Boletim Conjuntural Dezembro | 2020

1. CONJUNTURA MUNDIAL EM 2020 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA 2021

Nos meses finais de 2019 um evento raro alertava para um mundo em perigo, quando surgiu na China um novo vírus que ameaçava colocar o planeta em profunda adversidade, assumindo proporções catastróficas ao longo do ano de 2020. Em nível global, o novo Coronavírus infectou, até o final de 2020, aproximadamente 83.527,7 milhões de pessoas, resultando em cerca de 1.819,9 milhão de óbitos. No Brasil os números do COVID-19 foram também alarmantes (cerca de 7,68 milhões de infectados), com quase 195 mil pessoas vindo a óbito (número equivalente a 10,7% das mortes ocorridas no mundo causadas pela pandemia).

Essa epidemia com grande disseminação acarretou, como decorrência natural, o aumento de incertezas sobre as economias mundial e a brasileira, levando-os a uma recessão atípica, que afetou mais os serviços do que a indústria e a agropecuária, por causa do distanciamento social.

Ressaltam entre os principais efeitos negativos os impactos sociais danosos à população de renda mais baixa, devido aos rebatimentos no mercado de trabalho e no aumento do preço dos gêneros alimentícios básicos. Por sua vez, destaca-se a difícil tarefa de recuperação da economia, principalmente considerando-se substancial agravamento das contas públicas, dados os necessários e expressivos gastos (destacando-se o auxílio emergencial) realizados com vistas a mitigar efeitos sociais da pandemia.

Entretanto, vale salientar o impacto assimétrico entre os diversos países e regiões globais. No Norte da Ásia, por exemplo, destaca-se a China, que se diferencia com rápida recuperação econômica, explicada pela disciplina, modelo de governança, cultura e tecnologia. Por sua vez, a crise de governança e a falta de liderança no ocidente agravou a crise em alguns países.

No ambiente mundial, alguns pontos relevantes vêm fazendo a diferença e irão contribuir um pouco mais para a recuperação econômica. Ressaltem-se:

- A assimetria entre a economia real e mercados financeiros que já olham para 2022 e além;
- Os países desenvolvidos à frente dos emergentes com relação à vacina do coronavírus. Contratos nos ricos mais do que atendem às necessidades. Nos países pobres vai faltar vacina no período mais crítico da pandemia (JP Morgan).
- A pandemia acelerou tendências globais com a incorporação de novas tecnologias, vendas on-line... Setores intensivos em TIC cresceram mais rápido do que os demais.

A estes, somam-se medidas que estão sendo tomadas, a exemplo de: novos protocolos de presença e convivência com o Coronavírus que vão se estender até que a vacinação seja concluída; implantação e criação de novas ferramentas destinadas para operar em um novo paradigma sanitário, econômico e social; a liderança da Ásia, sobretudo da China que vai incorporar meio bilhão de pessoas às classes médias ao longo da década de 2020, se constituindo em um dos maiores consumidores globais. Outros fatores revelam-se como indutores da redução de intensidade dos efeitos negativos da pandemia sobre o nível de atividade de alguns segmentos econômicos em nível global e nacional, enfatizando-se:

- A importância do apoio monetário e fiscal, sobretudo pelas ações dos bancos centrais que compraram títulos soberanos e corporativos, e baixaram juros;
- Os bancos e a indústria vão se recuperar mais rápido do que os serviços, gerando uma retomada mais lenta da economia real, embora a vacinação deva melhorar a recuperação do setor;
- O futuro aponta para um mundo do trabalho centrado na criatividade e na interface entre mentes e máquinas e para uma crescente ruptura na relação entre família e trabalho, que se tornarão espaços convergentes.

Segundo dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), as projeções para 2021 apontam em termos globais um crescimento de 4,2%. A China é quem apresenta maior indicador (8,0%). A Área do EURO deverá crescer 3,6%, os Estados Unidos 3,2% e o Brasil 2,6%.

2. CONJUNTURA NACIONAL EM 2020 E PROJEÇÕES PARA 2021

MACROECONOMIA E MERCADO DE TRABALHO

O indicador do Banco Central mostrou variação negativa de 4,9% no nível de atividade econômica do Brasil, até outubro, com substantivas variações entre as macrorregiões. Ao longo do segundo semestre de 2020, agências nacionais consultadas para o relatório Focus (Banco Central) reduziram gradativamente a previsão de queda anual do PIB brasileiro para menos de 5%, em 2020, face a retomada do varejo, da indústria e do bom desempenho do agronegócio.

Para 2021, diversas projeções apontam crescimento entre 2,8% e 3,8%, com estimativas nacionais mais otimistas do que as internacionais.

O mercado de trabalho deve melhorar em 2021, com recuperação lenta do emprego formal, mas com desemprego e informalidade ainda elevados. Por sua vez, a massa real de rendimentos do trabalho vai ser a resultante de duas forças opostas: melhoria da ocupação e aumento da inflação. Todavia, com a melhora do nível de atividade, deve apresentar redução das perdas.

O Real deverá seguir desvalorizado, com o dólar volátil. A queda no investimento estrangeiro direto, as incertezas fiscais no âmbito doméstico e as dúvidas sobre a política econômica do Governo Biden têm afetado o câmbio.

POLÍTICA FISCAL E MONETÁRIA

No que diz respeito à política fiscal e monetária, o juro nominal (SELIC) ineditamente baixo reduz encargos da dívida e melhora a liquidez, mas deve se elevar em 2021 se pressões inflacionárias persistirem.

Em 2020, devido a despesas com saúde e com mitigação de impactos sociais e econômicos da pandemia, o déficit primário previsto é de R\$ 900 bilhões (12,7% do PIB). Em 2021, a previsão é de reduzir o déficit primário para -3,1% do PIB.

A redução do déficit primário entre 2020 e 2021 significa menor gasto público, que poderá não ser compensado pelo aumento do consumo das famílias e pelo investimento privado.

Já a relação Dívida Bruta/PIB está em 96% e deve permanecer em torno deste patamar em 2021.

A gestão da dívida soberana continua difícil: os prazos de vencimento se encurtam dificultando a rolagem da dívida e a curva de juros futuros sobe, indicando dificuldade de captação de recursos, via emissão de títulos públicos, pelo mercado. As reformas paralisadas no Congresso Nacional deverão ser retomadas em 2021. O sucesso depende dos riscos políticos associados à disputa pela presidência da Câmara de Deputados e do Senado além da capacidade do governo de formar uma base parlamentar sólida no Congresso.

O auxílio emergencial pode ser estendido se a pandemia se agravar, mas o espaço fiscal é cada vez menor. Por outro lado, a inflação volta a preocupar por sua capacidade de se disseminar para outros preços, além de alimentos e bebidas. O aumento dos preços das commodities beneficia as exportações, mas pode contaminar preços domésticos, especialmente alimentos.

Para 2021, espera-se o retorno da inflação para abaixo do centro da meta, a menos que haja descontrole fiscal e piora das expectativas ancoradas no BACEN.

Por sua vez, o Governo continua indeciso e inseguro com relação à questão fiscal. O debate sobre a flexibilização do teto perdeu força, mas continua latente no governo.

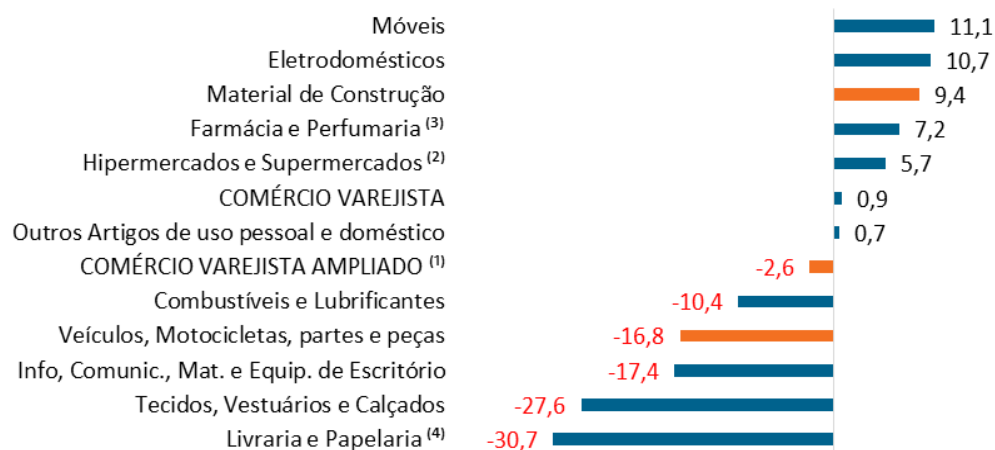
DESEMPENHO DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS ATÉ OUTUBRO DE 2020

O varejo restrito (não considerados os segmentos de veículos e de material de construção) recupera-se discretamente, com crescimento de 0,9% até outubro. A demanda por bens essenciais e o auxílio emergencial respondem pelo desempenho positivo de alguns poucos segmentos que se situam no topo do Gráfico 1.

Já o varejo ampliado (agregado que resulta do acréscimo de 'veículos, motocicletas, partes e peças' e 'materiais de construção' ao conjunto de segmentos que compõem o comércio varejista propriamente dito) ainda apresenta perdas no ano, apontando saldo negativo (-2,6%), dado o peso do segmento automotivo - veículos, peças, partes, peças e componentes (ver Gráfico 1 a seguir).

Ressalte-se que os segmentos do varejo que registraram melhor desempenho no acumulado do ano (até o mês de outubro) foram: móveis (11,1%), eletrodomésticos (10,7%), material de construção (9,4%) e farmácia e perfumaria (7,2%), devendo-se salientar que hipermercados e supermercados cresceram 5,7% no período. Entre os segmentos com desempenho negativo destacam-se livraria e papelaria (-30,7%), tecidos, vestuário e calçados (-27,6%) e veículos, motos, partes e peças (-16,8%).

Gráfico 1 - Brasil: variação (%) do volume de vendas, por segmento do varejo - acumulado janeiro-outubro/2020 - base: mesmo período no ano anterior



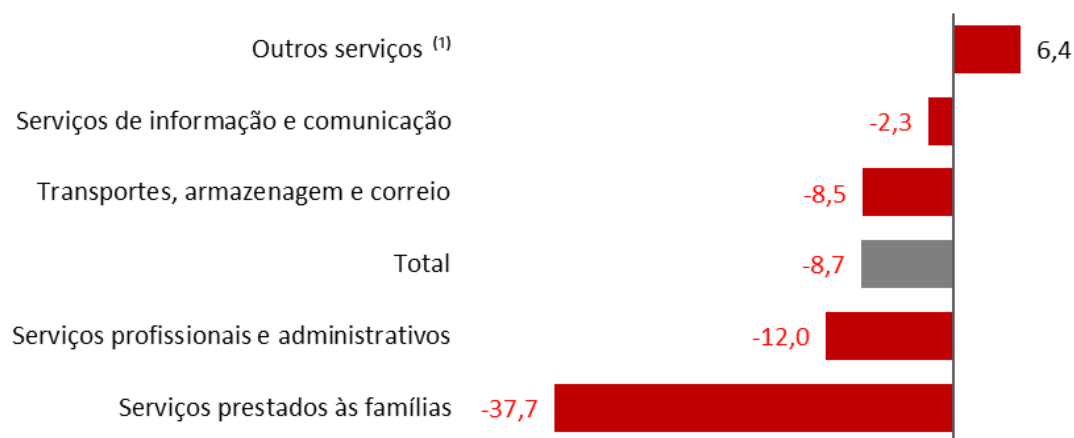
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi. Nota: (1) Além dos segmentos componentes do varejo, inclui materiais de construção e segmento automotivo. (2) Hiper e supermercados, alimentos e bebidas. (3) farmácias, artigos médicos, perfumarias, cosméticos. (4) livrarias, papelarias, jornais e revistas.

O setor de prestação de serviços, de maior peso na economia, apresentou queda no acumulado do ano até outubro, computando -8,7% (ver Gráfico 2 a seguir). O setor enfrenta maior dificuldade no processo gradual de diminuição das restrições de funcionamento das atividades por conta da pandemia.

Os serviços prestados às famílias (que incluem atividades turísticas), por exigirem atendimento presencial, foram os mais afetados, com retração de 37,7%. A cadeia de serviços turísticos – que inclui diversas atividades de serviços prestadas às famílias, como alimentos e bebidas e atividades de entretenimento, além de transporte de passageiros – registrou perdas até outubro de -38,2%, por conta da forte redução da demanda causada pela menor mobilidade.

A exceção se faz ao agregado ‘outros serviços’, que envolve, entre outras atividades, a intermediação financeira, serviços de manutenção e reparo, apoio à agropecuária e serviços de utilidade pública. O conjunto desse agregado registrou avanço de 6,4% em volume de serviços prestados de janeiro a outubro em relação ao mesmo período do ano anterior.

Gráfico 2 - Brasil: variação (%) do volume de serviços, por atividade - acumulado janeiro-outubro/2020 - base: mesmo período no ano anterior



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: (1) Atividades imobiliárias; atividades financeiras; manutenção e reparação de veículos; manutenção e reparação de equipamentos de uso pessoal; atividades de apoio à agropecuária; coleta, tratamento e descontaminação

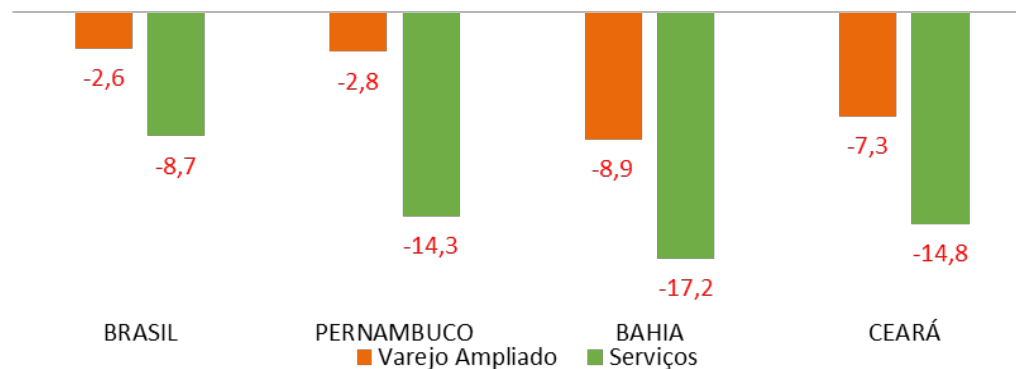
3. PERNAMBUCO: DESEMPENHO DO COMÉRCIO E SERVIÇOS ATÉ OUTUBRO DE 2020

Dados da PMC/IBGE e da PMS/IBGE mostrados no Gráfico 3 a seguir apontam que no ano da pandemia, a queda no volume de vendas do varejo de Pernambuco (-2,8%) foi próxima da média nacional (-2,6%). Nos serviços, por outro lado, a diferença de intensidade foi bem maior (-14,3% em Pernambuco, frente a -8,7% no Brasil).

Comparativamente às outras duas economias mais importantes do Nordeste, o varejo da Bahia e do Ceará foram mais impactados que o de Pernambuco no acumulado de 2020 (janeiro a outubro).

No que diz respeito ao setor de serviços, o desempenho verificado nas principais economias da região é significativamente negativo, efeitos decorrentes da pandemia: -14,3% em Pernambuco, -14,8% no Ceará e -17,2% na Bahia, quedas significativamente superiores à registrada em nível nacional (-8,7%).

Gráfico 3 - Brasil, PE, BA e CE: variação (%) do volume de vendas do varejo ampliado e dos serviços - acumulado janeiro-outubro/2020 - base: mesmo período no ano anterior



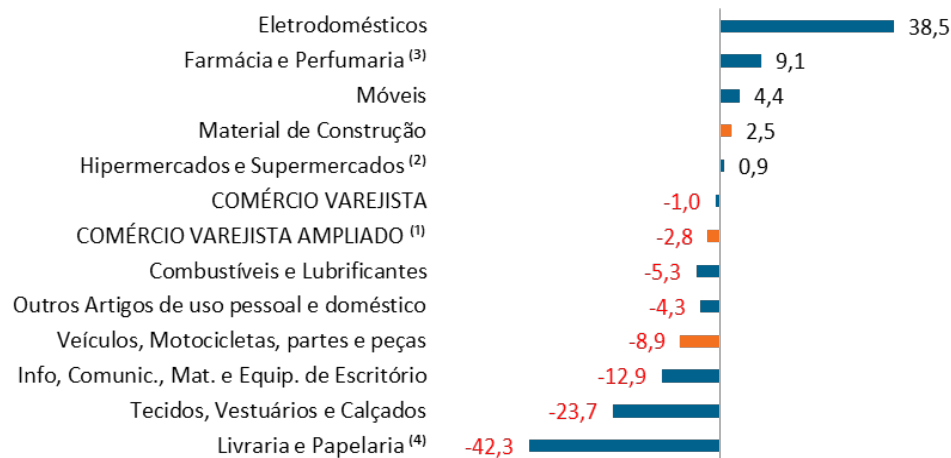
Fonte: PMC/IBGE e PMS/IBGE. Elaboração Ceplan Multi. Nota: (*) O comércio varejista é composto pelos segmentos de Combustíveis e Lubrificantes; Eletrodomésticos; Farmácia e Perfumaria; Hipermercados e Supermercados; Info, Comunic., Mat. e Equip. de Escritório; Livraria e Papelaria; Móveis; Outros Artigos de uso pessoal e doméstico; Tecidos, Vestuários e Calçados; o varejo ampliado inclui ainda os Automóveis, motos e peças e os Materiais de construção.

Quando se observa o desempenho por segmento do varejo em Pernambuco, os impactos foram bastante diferenciados (ver Gráfico 4 a seguir). Entre os segmentos que aumentaram o volume de vendas, o de eletrodomésticos foi o que liderou em termos de crescimento: 38,5% de incremento no acumulado do ano, até outubro, comparativamente ao mesmo período do ano anterior. Outro segmento que teve bom desempenho em Pernambuco foi o de ‘farmácias e perfumarias’, bastante demandado durante a pandemia, crescendo 9,1% no período. Cabe destaque ainda para os segmentos de ‘móveis’ (+4,4%) e ‘materiais de construção’ (+2,5%) que, a exemplo do que ocorreu com o segmento de eletrodomésticos, tiveram suas vendas impulsionadas pela necessidade de adequações e mudanças nos domicílios durante a pandemia. Vale ressaltar que o aporte do Auxílio Emergencial foi um fator importante para o desempenho desses segmentos.

Por outro lado, ‘livraria e papelaria’, seguido de ‘tecidos, vestuário e calçados’ e ‘informática, comunicações, materiais e equipamentos de escritório’ lideraram as quedas (respectivamente 42,3%, 23,7% e 12,9%).

Gráfico 4 - Pernambuco: variação (%) do volume de vendas por segmento do varejo - acumulado janeiro-outubro/2020 - base: mesmo período no ano anterior

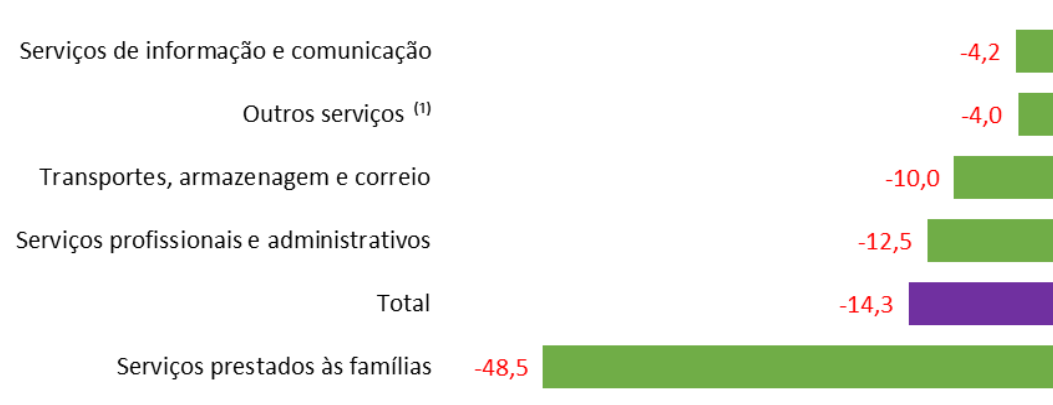
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi. Nota: (1) O comércio varejista é composto pelos segmentos de Combustíveis e Lubrificantes;



Eletrodomésticos; Farmácia e Perfumaria; Hipermercados e Supermercados; Info, Comunic., Mat. e Equip. de Escritório; Livraria e Papelaria; Móveis; Outros Artigos de uso pessoal e doméstico; Tecidos, Vestuários e Calçados; o varejo ampliado inclui ainda os Automóveis, motos e peças e os Materiais de construção. (2) Hiper e supermercados, alimentos e bebidas. (3) farmácias, artigos médicos, perfumarias, cosméticos. (4) livrarias, papelarias, jornais e revistas

Nos serviços, todos os segmentos foram negativamente afetados, mas observam-se três padrões de desempenho (ver Gráfico 5 a seguir): no primeiro ressalta os 'serviços prestados às famílias', liderando de longe a queda (-48,5%); no segundo padrão, com retração abaixo da média, mas com queda igual ou superior a 10,0%, se tem as atividades dos 'serviços profissionais e administrativos' (-12,5%) e de 'transportes, armazenagem e correio' (-10,0%); no terceiro, com quedas menores de 5,0% encontram-se as atividades de 'outros serviços' (-4,0%) e 'serviços de informação e comunicação' (-4,2%).

Gráfico 5 - Pernambuco: variação (%) do volume de serviço, por atividade - acumulado janeiro-outubro/2020 - base: mesmo período no ano anterior

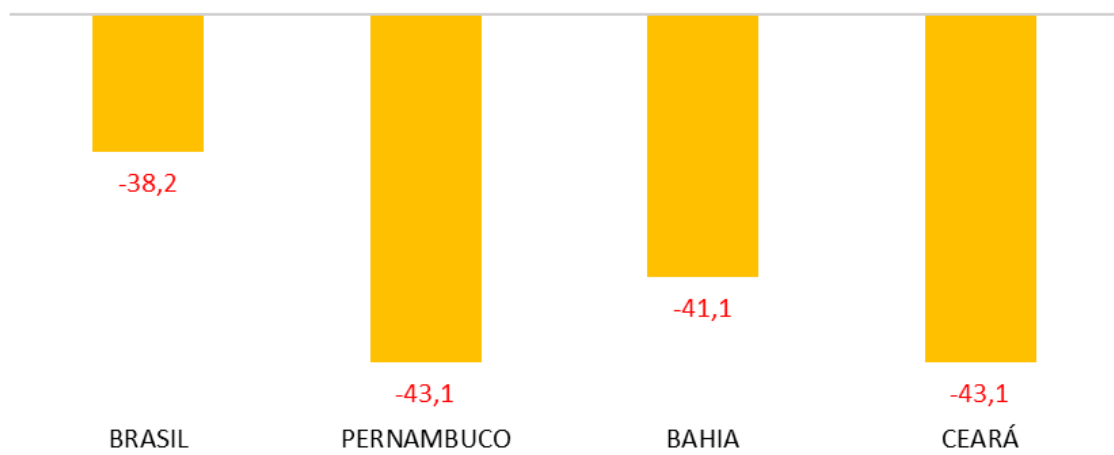


Fonte: PMS/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: (1) Atividades imobiliárias; atividades financeiras; manutenção e reparação de veículos; manutenção e reparação de equipamentos de uso pessoal; atividades de apoio à agropecuária; coleta, tratamento e descontaminação

As atividades turísticas foram significativamente afetadas no acumulado do ano (janeiro a outubro de 2020, relativamente ao mesmo período de 2019), como mostra o Gráfico 6 abaixo. Pernambuco e Ceará tiveram desempenho semelhante (-43,1%) enquanto o turismo da Bahia caiu 41,1%. No Brasil, a queda da atividade turística foi de 38,2%.

Gráfico 6 - Brasil, PE, BA e CE: variação (%) do volume de vendas das atividades turísticas acumulado janeiro-outubro/2020 - base: mesmo período no ano anterior



Fonte: PMS/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

4. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

ECONOMIA

A economia de Pernambuco (com 2,7% do PIB nacional) continua resistindo melhor à crise, em especial no interior. Espera-se queda em torno de 2,5% em 2020 (Brasil: - 4,5%)

2021 é ano de recuperação (crescimento próximo a 4%), mas o primeiro semestre ainda será muito difícil, sobretudo sem o auxílio emergencial, pois Pernambuco estará vindo de queda na massa de rendimentos do trabalho. Governo estadual já anuncia mudança no CAPAG (para investir).

Avançar em mudanças nos padrões produtivos e nos modelos de negócios é o grande desafio, em especial a passagem para a era digital. Mas Pernambuco tem trunfos: o polo de TIC, o polo logístico e investimentos recentes na indústria, a exemplo do polo automotivo.

VAREJO E SERVIÇOS

No ano da pandemia, a queda no varejo de Pernambuco foi próxima da média nacional.

Nos serviços a queda foi bem maior, em especial nos serviços prestados às famílias e nos ligados ao turismo e entretenimento.

O recrudescimento da pandemia amplia as dificuldades da recuperação em 2021.

MERCADO DE TRABALHO: continua sendo destaque negativo

Impacto sobre o nível de emprego e desocupação continua severo. Queda dos rendimentos em Pernambuco continua muito acima das médias nacional e regional.

Taxa de desemprego no estado também se mantém acima da média do país, apesar da recuperação do emprego formal.

Ocupação informal ainda se mantém muito elevada.

MOMENTO DA PANDEMIA

Pernambuco apresenta crescimento recente de infecções e óbitos. Mas a vacinação abre boas perspectivas.

Reabertura das atividades econômicas avançou, mas algumas tem um “normal” mais desafiador. As escolas, por exemplo, continuam com dificuldades.

Os meses iniciais de 2021 ainda estarão fortemente marcados pela pandemia. Até que se avance na vacinação.

5. BIBLIOGRAFIA

DEPARTAMENTO ECONÔMICO-BANCO CENTRAL DO BRASIL (DEPEC-BCB). **Índice de Atividade Econômica**. Outubro/2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal do Comércio**. Outubro/2020.

Pesquisa Mensal dos Serviços. Outubro/2020.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Outubro/2020.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Outubro/2020.

SECRETARIA ESPECIAL DE PREVIDÊNCIA E TRABALHO-MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados**. Outubro/2020.

EXPEDIENTE FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Bernardo Peixoto
Economista: Rafael Ramos
Designer Gráfico: Nilo Monteiro

EXPEDIENTE CEPLAN-PE

Osmil Galindo | Economista
Ademilson Saraiva | Economista
Roberto Alves | Estatístico
Jorge Jatobá | Economista
Tania Bacelar | Economista

Avenida Visconde de Suassuna, nº265,
Santo Amaro, Recife-PE | CEP 50050-540
Tel.: (81) 3231-5393 / 3231-6175
www.fecomercio-pe.com.br

